

# A medicina em *A Obra Em Negro* de Marguerite Yourcenar: as diversas profissões da arte de curar no século XVI<sup>1</sup>

Vanessa Costa, Silva Schmitt e Robert Ponge

This paper aims to analyze the sixteenth century medicine presence and image as it is shown in Marguerite Yourcenar's novel *L'Œuvre au Noir* (1968). Given the amplitude of the topic, we examine the representation of some of the various professional groups involved in health in the sixteenth century. After a brief presentation of the life and work of the author and an introduction to her book *L'Œuvre au Noir*, we analyze the professional categories that relate to the art of healing, such as barber-surgeons, healers, nurses, herbalists and doctors. We also study some of the disputes between these professionals.

**Keywords:** Marguerite Yourcenar; *L'Œuvre au Noir*; medicine

## 1 Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar a presença e a imagem da história, da sociedade e, particularmente, da medicina do século XVI tal como é mostrada em *A Obra em Negro* (1968), romance da escritora francófona Marguerite Yourcenar, cuja personagem principal é o médico Zênon. Diante da amplitude do tema, atemo-nos aqui a examinar a representação que nos é oferecida de algumas das diversas categorias de profissionais que, no século XVI, se dedicavam à prática médica, conhecida durante muito tempo como arte de curar. Após breve exposição da vida e obra da autora e de seu *A Obra em Negro*, passamos a analisar as categorias profissionais que diziam respeito à arte de curar: barbeiros-cirurgiões, curandeiro(a)s, enfermeiro(a)s, herboristas e médicos, assim como nos debruçamos sobre algumas das disputas em que podiam envolver-se.

---

Vanessa Costa e Silva Schmitt: cirurgiã-dentista graduada pela Faculdade de Odontologia da UFRGS, onde atualmente é professora substituta; mestre em Literaturas Francesa e Francófonas pela UFRGS, doutoranda em Estudos de literatura na mesma instituição. E-mail: [vanessa.schmitt@ufrgs.br](mailto:vanessa.schmitt@ufrgs.br) Robert Ponge: professor titular do Instituto de Letras da UFRGS, onde leciona tradução e literaturas francesa e francófonas; orientador da dissertação de mestrado e da tese de doutorado (em curso) de Vanessa Costa e Silva Schmitt. E-mail: [rponge@orion.ufrgs.br](mailto:rponge@orion.ufrgs.br) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves, 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS, Brasil.

## 2 Marguerite Yourcenar e seu romance *A Obra em Negro*

### 2.1 Vida e obra de Marguerite Yourcenar

Considerada uma das mais importantes autoras de língua francesa do século XX, Marguerite Yourcenar (1903-1987) tornou-se mundialmente conhecida por romances de cunho histórico, conduzindo, em geral, o leitor pelas tortuosas vias do passado, como se observa em *A Obra em Negro*.

Órfã de mãe, Marguerite é educada pelo seu pai, Michel de Crayencour, a partir de modelos humanistas. A criança recebe instrução em casa, lê autores latinos e gregos, além de ser nutrida por passeios a museus e por viagens a sítios históricos. Em 1921, Marguerite publica *Le Jardin des chimères*, seu primeiro livro, financiado pelo pai. Trata-se de um poema dialogado baseado na lenda de Ícaro.<sup>2</sup> No ano seguinte, ainda custeado pelo pai, aparece *Les Dieux ne sont pas morts*. Em 1926, Marguerite começa a publicar alguns ensaios em revistas. Em 1929, pouco após a morte do pai, surge *Alexis ou le traité du vain combat (Alexis, ou o tratado do vão combate)*, seu romance de estréia. Dois anos depois, um novo romance, *La Nouvelle Eurydice*, é publicado. Na primeira metade da década de trinta, Yourcenar deleita-se em viagens pela Europa, onde ela começa outro romance, *Denier du rêve (Denário do sonho)*. É quando publica *La Mort conduit l'attelage*, um tríptico de novelas inspiradas em fragmentos de um romance — nunca escrito — que havia concebido na adolescência. Nessa obra, cada novela recebe o nome de um pintor como título: “D’après Dürer”, “D’après Greco” e “D’après Rembrandt”.

A partir da segunda metade dos anos trinta, Marguerite Yourcenar mantém um bom ritmo de produção (publica *Feux [Fogos]*, *Les Songes et les sorts, Nouvelles Orientales*, *Le Coup de grâce*, além de dedicar-se à elaboração de ensaios e a traduções). Em 1937, ela conhece Grace Frick, uma professora norte-americana, com quem se envolve amorosamente. A convite de Grace, Yourcenar conhece os Estados Unidos, para onde embarca definitivamente logo após a declaração da Segunda Guerra em 1939. Nos EUA, Yourcenar trabalha como professora e sua produção literária fica praticamente estagnada por quase uma década, à exceção da criação de algumas peças de teatro e de traduções. Em 1949, começa a redação de *Mémoires d'Hadrien (Memórias de Adriano)*, romance publicado em 1951 que faz de Yourcenar um nome conhecido e respeitado internacionalmente.

Nos anos seguintes, Yourcenar consagra-se à redação de um novo romance baseado em uma das novelas de *La Mort conduit l'attelage*, empreendendo diversas viagens a fim de reunir elementos que lhe permitam retrabalhar Zênon, o médico renascentista da novela “D’après Dürer”. Em 1965, a escritora conclui o romance, intitulado *L'Œuvre au Noir (A Obra em Negro)*, o qual será publicado somente em 1968.

Nos anos setenta, Yourcenar dedica-se à composição de crônicas familiares e autobiográficas que formarão a trilogia *Le Labyrinthe du monde*. O primeiro volume é *Souvenirs pieux* (1974), no qual aborda a história de sua mãe, seguido de *Archives du Nord* (1977), dedicado a seu pai.

No plano pessoal, desde os anos 50, Yourcenar vem sofrendo pela doença de Grace, vítima de câncer de mama. Em 1979, morre aquela que foi sua companheira por mais de quarenta anos.

Em 1980, Yourcenar é a primeira mulher eleita para a Academia Francesa. Inicia-se um período de retomada das viagens pelo mundo, que haviam sido suspensas pelo estado de saúde de Grace. A autora passa a redigir *Quoi, l'éternité?*, o terceiro volume que encerra a trilogia *Le Labyrinthe du monde*. Esse trabalho será publicado postumamente, pois, em novembro de 1987, Yourcenar sofre um acidente vascular que culmina em sua morte no mês seguinte.

## 2.2 A *Obra em Negro*: a intriga e o mundo do Renascimento

Em *A Obra em Negro*, pode-se acompanhar parte da trajetória de vida de Zênon, médico, filósofo e alquimista, quando este, após levar uma vida errante, restabelece-se na sua cidade natal, a Bruges do século XVI. Mesmo valendo-se de uma falsa identidade (a do médico Sebastião Theus), o protagonista, perseguido pela Santa Inquisição, acaba sofrendo um processo que finda por sua condenação à morte. Na sua última expressão de liberdade, o suicídio substitui a dolorosa morte na fogueira.

Após esta enxuta exposição da intriga central do romance em questão, gostaríamos de salientar a importância da reconstituição histórica para Marguerite Yourcenar. Numa constante busca pela excelência, Yourcenar prima pelo rigor da contextualização histórica de suas obras, como é possível verificar em, por exemplo, *Memórias de Adriano*, além de *A Obra em Negro*.

Nesse sentido, pode-se identificar, em *A Obra em Negro*, a presença de algo maior do que uma mera *tela de fundo* histórica, denominação esta incapaz de traduzir todo o relevo e a amplitude que Yourcenar dá à história em seu texto. Ou seja, muito mais do que uma mera ilustração da época em que a autora faz viver seu protagonista, trata-se do próprio mundo em que age e pensa Zênon. Dentro desse contexto, é possível encontrar elementos embaixadores dessa óptica na “Nota da autora” que se encontra ao fim do romance.<sup>3</sup> Ali, Yourcenar explicita muito do esforço por ela empreendido para dar vida e cor a Zênon:

“[...] para dar à sua personagem fictícia aquela realidade específica, condicionada pelo tempo e o lugar, sem o que o ‘romance histórico’ não passa de um baile de máscaras bem ou mal sucedido, [a romancista] não teve à sua disposição senão fatos e datas da vida passada, isto é, a História” (p. 319)

No caso específico de *A Obra em Negro*, Yourcenar retrata, de maneira impecável, diversos aspectos da história, da sociedade e da vida durante o Renascimento. É possível tomar conhecimento da rivalidade entre Francisco I, rei de França, e Carlos V, soberano do Sacro Império Romano Germânico, disputando a região milanesa; assim como da presença deste último nos longos debates do Concílio de Trento. Destacam-se também os conflitos nascentes entre trabalhadores das tradicionais tecelagens flamengas frente às inovações do maquinário têxtil, dispensando grande parte da mão de obra, e às baixas remunerações oferecidas pelos ricos proprietários (exemplificado pelo tio de Zênon, Henrique-Justo Ligre). Vê-se igualmente os conflitos religiosos em ebulição, após o cisma que causou a Reforma protestante, em especial a repressão à seita anabatista em Münster, onde quase toda a população da cidadela foi dizimada sob ordem das autoridades eclesiásticas (dentre as personagens

que lá se encontravam à hora da invasão da cidade estava Hilzonda Ligre, mãe de Zênon). Da mesma forma, sabe-se da importância da Santa Inquisição à época, cujo poder extrapolava a esfera espiritual, estabelecendo alianças temporais capazes de definir o destino dos cristãos e de suas idéias. Enfim, vários ângulos da sociedade do Renascimento emergem em *A Obra em Negro*, possibilitando distintas ópticas de estudo do romance.

Um desses aspectos é o cotidiano de um médico singular, Zênon. Sendo também filósofo, como muitos estudiosos da época, poder-se-ia ter analisado a obra, repleta de referências à filosofia do Renascimento, sob esta perspectiva. Da mesma forma, sendo um pensador perseguido pela Santa Inquisição, poderia ter sido abordado exaustivamente o contexto religioso do século XVI, assim como outros fatores presentes no romance poderiam tornar-se objetos de estudos; no entanto, optou-se por analisar *A Obra em Negro* pelo ângulo da medicina praticada na época. Isso porque há informações sobre a trajetória intelectual de Zêno, sobre sua formação, as escolas de medicina que frequentou, os deslocamentos que buscou a fim de aprimorar seu conhecimento técnico-científico. Além disso, pode-se evidenciar o cotidiano de trabalho em Bruges, sob a identidade de Sebastião Theus, que tipo de tratamento aplicava em seus pacientes, quais doenças eram recorrentes no século dezesseis, enfim, as outras personagens que circulam no palco da medicina da época.

Baseando-se no que Yourcenar estabelece como pano de fundo da medicina praticada no século dezesseis, procuramos selecionar alguns elementos relevantes, dentre os quais podem ser destacados os diferentes ofícios relacionados à arte de curar, o que representavam naquele tempo.

Dessa forma, tentaremos, inicialmente, expor estas diversas profissões que diziam respeito à medicina no século XVI, apresentando seu papel à época, seu status social e sua formação profissional. Logo após, lançamos um breve olhar sobre as disputas corporativas que costumavam ocorrer, sobretudo aquelas envolvendo os médicos e os barbeiros-cirurgiões.

Procuramos agora apresentar, brevemente, alguns aspectos referentes aos diversos tipos de profissionais.

### **3 As categorias profissionais da arte de curar**

Os profissionais que se dedicam à arte de curar constituem um grupo que sofreu poucas modificações desde a Antiguidade até a época moderna. Entretanto, no século dezesseis, a divisão do trabalho na área atingiu um estágio em que algumas categorias profissionais já podem ser identificadas mais claramente: os barbeiros-cirurgiões ou práticos (categoria à qual pertencerão por muito tempo os cirurgiões, representada no romance pelo barbeiro-cirurgião João Myers, que inicia Zênon nos prolegômenos da medicina); os curandeiros ou empíricos, que se valem do sobrenatural a fim de curar (como a distinta senhora do norte da Europa — senhora de Frösö — que busca a cura e o conforto dos doentes pela feitiçaria em *A Obra em Negro*); os enfermeiros (frei Cipriano e frei Lucas, que auxiliam Zênon na enfermaria mantida pelos franciscanos); os herboristas, a quem cabe o estudo das plantas utilizadas como medicamentos, e, obviamente, a categoria dos médicos.

### 3.1 Os barbeiros-cirurgiões

Exercer o ofício de barbeiro-cirurgião é uma das opções possíveis aos que não podem frequentar a universidade ou àqueles que, apesar de terem frequentado uma escola de medicina, não chegam a fazer sua defesa de tese, o que os impede de obter o título de doutor.

O barbeiro-cirurgião é um prático que se restringe a cuidar da população da cidade a que pertence ou a viajar de cidade em cidade a fim de tratar doentes, de vender suas poções e seus unguentos. Em geral, seu conhecimento é fundamentalmente prático, passando de geração em geração. A assimilação da técnica resulta da observação diária junto de um mentor, muitas vezes o pai ou o avô do aprendiz. Essa herança do *savoir-faire* raramente é questionada pelo filho ou pelo neto que continuará na profissão dos seus antepassados.

O barbeiro-cirurgião ocupa-se de tarefas tidas por menores, como extrações dentárias, sangrias, amputações e remoção de cálculos renais (procedimento chamado litotomia ou cistotomia, também conhecida como cirurgia da alha da pedra).<sup>4</sup> Esses profissionais trabalham de maneira quase intuitiva, aplicando teorias populares e, às vezes, supersticiosas. Neste sentido, João Myers, o barbeiro-cirurgião de *A Obra em Negro*, é um exemplo bastante característico da sua categoria profissional. Tendo exercido, provavelmente, seu ofício com destreza (o que lhe permitiu chegar ao fim da vida com conforto e gozar do reconhecimento tanto de seus confrades quanto de seus pacientes), Myers acredita, entretanto, em certas práticas supersticiosas (“Superstições se misturavam bizarramente na casa de João Myers àquele pirronismo de barbeiro-cirurgião”).<sup>5</sup> Por outro lado, dedica-se ao estudo da arte médica (ele tem inclusive uma biblioteca com títulos bastante interessantes) e espera que Zênon, ao retornar a Bruges, forneça-lhe informações sobre o que vem sendo praticado em medicina. Assim que Zênon entra na casa do barbeiro-cirurgião, mais de trinta anos após a partida, Myers não consegue controlar a curiosidade: “No tocante à medicina, o velho João se mostrava guloso de novidades, embora, por cautela, só a tivesse praticado de acordo com os métodos que aprendera; esperava de Zênon um medicamento específico para sua gota” (p. 141).

### 3.2 Os curandeiros

No século XVI, além dos barbeiros-cirurgiões, o homem doente recorre, às vezes, à ajuda de curandeiro(a)s ou de feitiçeiro(a)s a fim de ser curado, ou de crer que será. Muitos deles, tão incapazes de curar quanto a maior parte dos médicos, apelam ao sobrenatural e aproveitam para atribuir um caráter punitivo ou demoníaco às doenças.<sup>6</sup> Por outro lado, há empíricos que aplicam conscienciosamente seus tratamentos e tentam reconfortar aqueles que não podem ser curados. Em *A Obra em Negro*, a bela senhora de Frösö, que fascina Zênon numa província longínqua da Europa do Norte, exerce a arte que aprendeu com feitiçeiras da Lapônia. Suas mãos são “hábeis em dispor ataduras sobre as chagas e enxugar o suor provocado pelas febres”. Ela conduz Zênon a “choupanas dispersas nas margens dos pântanos onde se praticavam fumigações e banhos mágicos acompanhados de cantos” (p.164). Lá, o médico torna-se testemunha de uma medicina impregnada de magia.

Igualmente hábeis em tratar feridas são as mãos do monge Cipriano, que não é feiticheiro, mas um dos auxiliares enfermeiros que se encontram em *A Obra em Negro*.

### 3.3 Os enfermeiros

O monge Cipriano ajuda na enfermaria criada por Zênon no mosteiro de São Cosme. No século XVI, a maior parte dos enfermeiros e das enfermeiras faz parte do clero: são monges e religiosas que se dedicam a cuidar dos doentes, em um contexto muito mais associado à filantropia do que à ciência médica.<sup>7</sup> Em *A Obra em Negro*, dois auxiliares enfermeiros cuidam dos pacientes no hospício de São Cosme (local de trabalho de Zênon em Bruges), frei Cipriano e frei Lucas: “Sebastião Theus [...] já podia agora fiar-se em dois monges que haviam afinal aprendido pelo menos os rudimentos da arte de tratar de alguém” (p. 218).

Frei Lucas torna-se praticamente o responsável pela enfermaria enquanto Zênon dedica-se integralmente ao prior dos franciscanos, um paciente muito especial, cujo quadro de saúde agrava-se: “Frei Lucas era homem sereno, cômico de seus deveres e cujo espírito não ia muito além do que lhe exigia a urgência do trabalho a ser feito” (p. 218).

Marguerite Yourcenar coloca em primeiro plano frei Cipriano que, apesar da sua tolice, tem seus talentos de enfermeiro reconhecidos por Zênon: “[...] o rapaz indolente possuía uma destreza invulgar para aplicar um emplastro ou enrolar uma bandagem; nenhuma chaga ou ferida, nenhum abscesso o assustavam ou nauseavam” (p. 202). O sorriso agradável e a disponibilidade para com os pobres da enfermaria fazem com que esse monge seja um belo exemplo dessa profissão:

“Zênon costumava encarregá-lo de reconduzir às suas casas os doentes cujo passo vacilante o impedia de deixá-los caminhar sozinhos pelas ruas da cidade; [...]. Cipriano corria do asilo ao hospital de São João, emprestando remédios ou pedindo-os emprestados, conseguindo um leito para algum indigente que não se poderia deixar morrer sobre a dureza das lajes ou, à falta de coisa melhor, persuadindo um fiel do quarteirão a abrigar o andrajoso.” (p. 202)

### 3.4 Os herboristas

Além dos profissionais de saúde citados anteriormente, cabe salientar a importância daqueles que se dedicam à prática da herborização (sejam eles boticários ou médicos), em um século que ainda não conhece outras drogas além daquelas encontradas na natureza.

A partir do Renascimento, a prática da herborização começa a seguir uma lógica um pouco diferente em relação ao que se fazia na Idade Média, época na qual os herboristas limitavam-se a procurar raízes e folhas então utilizadas como medicamentos. Agora, talvez por pequenos progressos diários ou talvez pela essência mesmo do Renascimento, em que a curiosidade pelos fenômenos naturais ocupa lugar de destaque, os herboristas maravilham-se diante da diversidade vegetal e começam a estudar as ervas específicas de certas regiões. A partir da primeira

metade do século XVI, essa nova maneira de olhar para as plantas faz-se acompanhar (inicialmente na Itália, posteriormente em outros lugares) do procedimento de desidratação das plantas, permitindo a elaboração de herbários secos.<sup>8</sup> É o que faz o médico Félix Platerus (Félix Plater, 1536-1614), cujo grau de paixão pela herborização emociona Montaigne; em seu *Journal de voyage en Italie*, quando relata sua passagem pela Basiléia, ele descreve sua visita a Plater, médico renomado e autor de numerosos tratados, que se ocupa, à época, de um belo e singular herbário:

“Entre autres choses, il dresse un livre de simples qui est déjà fort avancé; et au lieu que les autres font peindre les herbes selon leurs couleurs, lui a trouvé l’art de les coller toutes naturelles si proprement sur le papier que les moindres feuilles et fibres y apparaissent comme elles sont; et il feuillette son livre sans que rien en échappe; et montra des simples qui y étaient collés y avait plus de vingt ans.”<sup>9</sup>

No século XVI, a herborização é uma prática freqüente para alguns médicos que se interessam pelas ciências naturais e pela botânica, como é o caso de Zênon em *A Obra em Negro*. Desde a juventude, quando o cômego Campanus instigou sua curiosidade pelas ciências com a ajuda da *História natural* de Plínio, Zênon mantém o hábito de realizar saídas de campo noturnas (porém, para ele, tais aventuras nas florestas são mais do que pesquisas movidas por interesse científico: elas são um exercício de meditação alquímica e hermética). Numa alvorada, sai para herborizar em direção à orla das dunas, munido de uma lupa que mandara confeccionar por um oculista de Bruges. Com ela, Zênon examina “de perto as radículas e as favas das plantas recolhidas” (p. 173).

Assim, durante o Renascimento, a herborização por mera curiosidade lentamente dá lugar à ciência de observação, e a botânica torna-se um estudo valorizado por muitos médicos naturalistas, fato atestado pelas obras de Otto Brunfels (*Herbarium vivae icones*, 1530), de Leonhart Fuchs (*De historia stirpium*, 1542) e de Pierandrea Mattioli, (*Commentarii in VI Dioscoridis Libros*, 1554, bastante difundida). A publicação dessas três obras notáveis no breve espaço de vinte e quatro anos serve para consolidar o estudo das plantas e alça seus autores à categoria de primeiros botânicos do Ocidente.

Os herboristas são também os responsáveis pela cultura dos simples (ou seja, das ervas com ação medicamentosa comprovada ou suposta) fora dos mosteiros, como Jean Robin, encarregado do jardim do rei da França na île de la Cité, e Nicolas Houël, o boticário que transforma o jardim de simples da Casa de Caridade Cristã em jardim botânico,<sup>10</sup> visando a tornar mais fácil a observação e a pesquisa das plantas.<sup>11</sup>

### 3.5 Os médicos

Para fins de diagnóstico e de terapêutica, os médicos do Renascimento seguem os preceitos herdados de Hipócrates (≅ 460 a.C.-377 a.C), muitos dos quais foram, na seqüência, modificados por Galeno (século II d.C, médico em Pérgamo). Até o início do século XVI, este permanece uma referência obrigatória no que concerne à doutrina médica grega, e as escolas de medicina, na sua maioria, não admitem que os preceitos galênicos sejam contestados.<sup>12</sup>

É importante salientar que, para tornar-se médico no século XVI, é preciso seguir uma formação superior. Os rapazes atraídos pela prática da arte ou naturalmente conduzidos a ela por uma tradição familiar podem escolher uma das célebres faculdades de medicina europeias, como as de Montpellier e de Paris,<sup>13</sup> na França, as de Bolonha e Pádua, na Itália, ou então a de Louvain (Lovaina), em Flandres.

Em *A Obra em Negro*, Zênon, que se preparava para a vida clerical, conhece o desprezo de sua família após ter submetido um fazendeiro a uma sangria segundo as instruções do barbeiro-cirurgião João Myers: “O cônego Campanus deplorou tal ignomínia; Henrique-Justo, vindo em socorro deste, lastimou em alto e bom som os ducados que investira no custeio dos estudos do sobrinho, caso fosse terminar entre um escalpo e um bacinete” (p. 39).

Nessa época, é mais filosófico do que científico o curso de medicina oferecido pela maioria das universidades. As aulas são divididas em *lectio*, *recitatio* e *discutio*, e, como já foi dito, quase nunca se refuta o que foi escrito por Galeno, tampouco o que foi preconizado por Hipócrates e por Avicena (médico persa do século XI, conhecido como Príncipe dos médicos, cujo *Cânone* foi referência obrigatória em medicina durante séculos).<sup>14</sup> Nas faculdades um pouco mais liberais, como Bolonha e Pádua, realizam-se, uma ou duas vezes por ano, sessões públicas de dissecação, que atraem, além de estudantes, alguns artistas e o público em geral. A dissecação é feita em cadáveres de condenados, o que justifica a escassez de disseções em mulheres e em crianças. Enquanto o professor, no púlpito, lê um texto clássico (geralmente de Galeno), um demonstrador diseca o cadáver, ao qual os estudantes não tem nenhum acesso (nem para observá-lo de perto, tampouco para manipulá-lo).<sup>15</sup> Tal situação só começará a ser modificada por André Vesálio (Andreas Vesalius, 1514-1564), professor e anatomista da universidade de Pádua. Ele mesmo diseca os cadáveres, explicando aos estudantes todo o procedimento, além de ser o primeiro a elaborar pranchas anatômicas fidedignas e didáticas.<sup>16</sup>

O clima que Vesálio encontra na universidade de Pádua é bastante favorável à observação e à discussão, principalmente em relação àquele das faculdades de medicina de Paris e de Louvain (onde Vesálio estudou). Até o século XVII, a conduta intolerante dos doutores de Paris permanecerá motivo de crítica. Assim, Argan, o personagem hipocondríaco em *Le Malade imaginaire* (*O doente imaginário*) de Molière, recebe o título de doutor em medicina (com louvores) após ter proposto, sem hesitação, diante de uma douta banca examinadora “clysterium donare, postea seignare, ensuite purgare” como tratamento universal.<sup>17</sup> A dura crítica de Molière traz em si o desprezo pelos médicos que somente se preocupam com as minúcias do latim e que se deixam envolver em disputas vãs movidas exclusivamente pela vaidade.

#### 4 As disputas profissionais

Muitas vezes, as disputas no meio universitário são frequentes e muito ferozes: os que se mostram ousados demais ou os estrangeiros não são bem recebidos, e a rivalidade entre as escolas de medicina não contribui em nada para o desenvolvimento da ciência.

No que concerne à medicina, as disputas profissionais não se restringem aos aspectos médicos apenas, isto é, às doutrinas e às técnicas, mas nascem nas divergências entre os doutores e os outros profissionais da saúde, que dizem respeito, sobretudo, aos privilégios que uns e outros querem garantir.

Em *A Obra em Negro*, Zênon, ao longo de sua carreira, torna-se muitas vezes alvo de intrigas movidas por outros profissionais, que vêem nele uma ameaça a suas estáveis posições sociais. É dessa forma que Zênon perde o posto de médico do rei sueco Gustavo Vasa e de preceptor do príncipe Erik (então apaixonado por astrologia), por causa da influência de um confrade ciumento:

“Tão logo regressou à corte de Upsala, onde Sua Majestade Sueca abria a assembléia de outono, Zênon se apercebeu de que o ciúme de um confrade alemão o havia indisposto com o Rei. O velho monarca temia que seus filhos utilizassem os cálculos astrológicos de Zênon para calcular exatamente a duração da vida do pai.” (p. 129)

Zênon então vai ser simplesmente apagado da memória do jovem príncipe que ele acreditava ser um discípulo.

Por outro lado, por ocasião de seu retorno a Bruges sob a nova identidade de Sebastião Theus, Zênon começa a atender os pacientes que João Myers ainda tratava, a reação da comunidade médica sendo positiva:

“[...] a exígua clientela jamais poderia despertar a inveja dos outros médicos da cidade, como ocorrera em Basiléia, onde Zênon levava ao cúmulo da exasperação os seus confrades, ao ensinar publicamente a arte para um círculo seletivo de estudantes. Dessa vez, suas relações com seus colegas restringiam-se a esporádicas consultas, durante as quais o Sr. Theus se dispunha polidamente a acatar os conselhos dos mais velhos ou dos mais ilustres, ou mesmo a entabular breves conversas que versavam apenas sobre o vento e a chuva, ou a qualquer outro incidente local.” (p. 143)

Discreto, o doutor Theus tenta manter-se distante da inveja dos colegas de Bruges quando, herdeiro do humilde patrimônio de Myers, ele transforma a antiga casa do barbeiro-cirurgião em asilo de doentes e, seguindo a sugestão do prior dos franciscanos, encarrega-se de uma nova enfermaria para os pobres. Essa tarefa, revestida de tamanha simplicidade, não é daquelas que provocam ciúme.

Cabe ressaltar que, no século XVI, os médicos desprezam a prática cirúrgica, legada aos práticos. Mesmo entre os cirurgiões, faz-se distinção entre os que têm um título (é o caso dos membros do colegiado de São Cosme, uma corporação que valoriza o uso obrigatório do latim e que confere aos cirurgiões os graus de bacharel e de licenciado) e os barbeiros-cirurgiões desprovidos de honrarias. Destaca-se nesse caso o preconceito sofrido por Ambroise Paré (1509-1590), tido como o maior cirurgião de França à época.

Oriundo de uma família de barbeiros-cirurgiões, ele começa sua carreira como aprendiz, depois como cirurgião ordinário e, mais tarde, cirurgião militar. Seu conhecimento é eminentemente prático, ainda que estude muito, não tendo formação universitária. O trabalho que exerce no Hôtel Dieu (grande hospital parisiense) e nos campos de batalha permite-lhe desenvolver novas técnicas e manobras cirúrgicas, assim como instrumentos específicos para diversos tipos de procedimentos médicos. Paré também dedica-se a escrever — em francês, o que contraria as normas vigentes, pois todos os estudiosos escreviam seus textos em latim — livros em que explica as técnicas por ele preconizadas, geralmente ilustrados, de fácil compreensão. Por não

ter o título de doutor em medicina, nem ter frequentado o colégio dos cirurgiões (São Cosme), os membros de São Cosme ignoram enquanto podem sua importância. No entanto, como teve uma vida repleta de sucessos profissionais (tornou-se o cirurgião mais importante do Renascimento), o colégio de São Cosme sente-se impelido a conferir-lhe o grau de barbeiro-cirurgião.<sup>18</sup>

## 5 Considerações finais

Aclamada por seus romances de fundo histórico, Marguerite Yourcenar permite que seu leitor navegue por águas profundas e antigas, revivendo épocas distantes com perfeição e detalhamento. Em seu romance *A Obra em Negro*, de 1968, a vida do médico Zênon no século XVI corresponde à uma crônica da época, em que a sociedade e a história transparecem de maneira clara e fidedigna. Dentre as múltiplas dimensões presentes no romance, destaca-se aquela da medicina praticada durante o Renascimento, da qual Zênon é um dos atores. Através do protagonista e de outras personagens envolvidas na arte de curar, pode-se traçar um panorama da medicina exercida no período.

É possível perceber que, a despeito dos numerosos avanços que houve na medicina desde o século XVI, tanto no que concerne ao conhecimento da estrutura do corpo humano quanto no que diz respeito a procedimentos e a medicamentos capazes de curar doenças, há muitas semelhanças entre as diversas categorias profissionais que havia naquele período e as de hoje. Obviamente já não se encontram tantos empíricos, cuja prática é ilegal, exercendo a medicina pelas cidades; a profissão de enfermeiro foi definitivamente estabelecida no século XIX e, pouco a pouco, laicizada; os médicos clínicos não se envolvem mais na coleta de simples para a fabricação de medicamentos, atualmente a cargo de especialistas (as farmácias de manipulação e, sobretudo, as grandes indústrias farmacêuticas, que se ocupam da pesquisa e do embasamento teórico no que diz respeito à matéria-prima). No entanto, algumas distinções permaneceram: há os que, doentes, podem recorrer ao médico graduado; há os que, quando ficam doentes, podem apenas apelar ao sobrenatural ou ao divino, num último fio de esperança. Há também aqueles que podem escolher a profissão a seguir e, com mérito próprio, conquistá-la; outros, sem opção, precisam contentar-se com um ofício herdado dos pais. Contudo, de maneira geral, pouco importa se o ser humano e a medicina são verdadeiramente impotentes face à doença; o alento está em sabermos que sempre há alguém disposto a confortar nossos males.

## Notas

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi elaborado a partir de partes e passagens (em particular o capítulo 5) da dissertação de mestrado em Literaturas Francesa e Francófonas intitulada *L'Homme de l'art au XVI<sup>e</sup> siècle: La médecine dans L'Œuvre au Noir* de Marguerite Yourcenar, elaborada por Vanessa Costa e Silva Schmitt, sob orientação do prof. Robert Ponge, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

<sup>2</sup> A maior parte das informações concernentes à vida e à obra de Marguerite Yourcenar pode ser consultada na "Chronologie" que se encontra, sem

indicação de autor, no início do volume *Œuvres romanesques* de Marguerite Yourcenar (Paris: Gallimard, “Bibliothèque de la Pléiade”, 1982, p. XIII-XXXVIII). Sobre o mesmo assunto, ver também a entrevista da autora concedida ao jornalista M. Galey in: YOURCENAR, Marguerite. *Les Yeux ouverts: entretiens avec Mathieu Galey*. Paris: Centurion, 1980. O leitor pode ainda consultar SAVIGNEAU, Josyane. *Marguerite Yourcenar: l'invention d'une vie*. Paris: Gallimard, coll. “Folio”, 1990.

<sup>3</sup> YOURCENAR, Marguerite. “Nota da autora”. In: YOURCENAR, Marguerite. *A Obra em Negro*. Traduzido do francês por Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 317-330

<sup>4</sup> Para maiores informações sobre os barbeiros-cirurgiões, consultar BENDER, George. *Great moments in medicine*. Detroit: Parke-Davis, 1961; TATON, René (Dir.). *Histoire générale des sciences*, tome II: *La Science moderne (de 1450 à 1800)*. Paris: PUF, 1958; TAVARES DE SOUSA, Armando. *Curso de história da medicina: das origens aos fins do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1981.

<sup>5</sup> YOURCENAR, Marguerite. *A Obra em Negro*. Traduzido do francês por Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 141. As referências das demais citações de *A Obra em Negro* serão dadas diretamente no texto, entre parênteses, após a citação. Também foi utilizada uma edição na língua original, o francês: YOURCENAR, Marguerite. *L'Œuvre au Noir*. (1968) Paris: Gallimard, coll. “Folio”, 1991.

<sup>6</sup> Sobre o assunto, pode-se consultar: TATON. Op.cit. Ver também: DELAUNAY, Paul. “Médecins”. In: GREUTE, Georges (Dir). *Dictionnaire des lettres françaises: le XVI<sup>e</sup> siècle*. Paris: Arthème Fayard, 1951. p. 501-506

<sup>7</sup> Sobre esse assunto, o leitor pode encontrar maiores informações em BENDER. Op. Cit. Ver ainda: LYONS, Albert; PETRUCCELLI II, Joseph; ABRAMS, Harry. *Medicine: an illustrated history*. New York: Abradade Press, 1987. Para maiores detalhes, pode-se consultar: ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Hospital: instituição e história social*. São Paulo: Letras e Letras, 1991.

<sup>8</sup> L'HERBIER DE PAOLO BOCCONE: une exposition virtuelle de la Bibliothèque interuniversitaire de médecine (BIUM). Disponible sur l'internet à <http://biium.univ-paris5.fr/boccone/debut.htm>. Consulté le 08/08/2006

<sup>9</sup> MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Journal de voyage en Italie par la Suisse et l'Allemagne*. Paris: Gallimard, coll. “Folio”, 1983, p. 90.

<sup>10</sup> A Casa da Caridade Cristã (Maison de la charité chrétienne), criada por Nicolas Houël (nascido em 1520), compreende um hospital para os pobres, um orfanato, uma farmácia e um jardim botânico, sendo o conjunto protegido pelo rei Henrique III (LE JARDIN DU ROI SOLEIL: Dossier de l'ordre national des pharmaciens. Disponible sur l'internet à <http://www.ordre.pharmacien.fr/roi/index7.htm>. Consulté le 30/01/2006)

<sup>11</sup> LE GOFF, Jacques. “As plantas que curam”. In: LE GOFF, Jacques (org.). *As doenças têm história*. Traduzido do francês por Laurinda Bom. Lisboa: Terramar, 1985; LE JARDIN DU ROI SOLEIL: Dossier de l'ordre national des pharmaciens. Disponible sur l'internet à <http://www.ordre.pharmacien.fr/roi/index7.htm>. Consulté le 30/01/2006

<sup>12</sup> Para um estudo mais detalhado: SCHMITT, Vanessa C. S. *L'Homme de l'art au XVI<sup>e</sup> siècle: la médecine dans L'Œuvre au Noir de Marguerite Yourcenar*. Dissertação de mestrado em Literaturas Francesa e Francófonas. Orientação: Robert Ponge. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Capítulo 5: “L'art de guérir: un tableau de la médecine au XVI<sup>e</sup> siècle”. p. 99-164. Pode ser consultado na rede em [www.sabi.ufrgs.br](http://www.sabi.ufrgs.br) Para maiores informações, o leitor pode consultar também: BARIÉTY, Maurice; COURY, Charles. *Histoire de la médecine*. Paris: Fayard, 1963 e JOUANNA, Jacques. “Hippocrate de Cos”. In:

*Encyclopaedia universalis*. Corpus 9. Paris: Encyclopaedia universalis, 1985. p. 333-337

<sup>13</sup> Quanto à carreira médica, esta é, sobretudo, seguida pelos filhos da pequena burguesia.

<sup>14</sup> CORBIN, Henry. “Avicenne (Ibn Sina)”. In: *Encyclopaedia universalis*. Corpus 11. Paris : Encyclopaedia universalis, 1985. p. 121-126

<sup>15</sup> VONS, Jacqueline. *L'Anatomie au XVI<sup>e</sup> siècle*. Disponível em <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/anatomie.htm>. Consultado em 27/01/2006

<sup>16</sup> Para maiores informações sobre Vesálio e a inovação que representou em sua época, consultar SAUNDERS, J. B., O'MALLEY, Charles. “Esboço biográfico”. In: VESALIUS, Andreas. *De Humani Corporis Fabrica. Epitome. Tabulae Sex*. Traduzido do latim para o inglês por J. B. Saunders e Charles O'Malley. Traduzido do inglês para o português por Pedro Carlos Piantino Lemos e Maria Cristina Vilhena Carnevale. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado; Campinas: Editora Unicamp, 2002. Ver também: DRÉZE, Ch. “André Vésale et *De Humani Corporis Fabrica Libri Septem*”. *Louvain Med.* 117:272-278, 1998 (en ligne); BOORSTIN, Daniel. *Les Découvreurs*. Traduit de l'anglais par Jacques Bacalu, Jérôme Bodin et Béatrice Vienne. Paris: Robert Laffont, coll. “Bouquins”, 1988.

<sup>17</sup> MOLIÈRE. *Le Malade imaginaire*. (1673). Paris : Le Seuil, coll. « mises en scène », 1946. p. 186

<sup>18</sup> TAVARES DE SOUSA. Op. Cit.